

"Verdades sobre ser uma pessoa amarela no Brasil": a complexidade do debate sobre racismo anti-amarelo no TikTok¹

Amanda Chinen²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

Este artigo investiga a complexidade do debate sobre o racismo anti-amarelo no TikTok, a partir da análise dos comentários no vídeo da influenciadora amarela Bruna Tukamoto. Utiliza-se a análise de conteúdo (Bardin, 2016) e a netnografia (Kozinets, 2010) como métodos para examinar as interações de maior engajamento. A fundamentação teórica articula os conceitos de branquitude (Kilomba, 2020), triangulação racial (Kim, 1999) e xenofobia racializada (Faustino e Oliveira, 2021). Os resultados apontam a coexistência de reconhecimento, relativização e negação da experiência racial vivida por pessoas amarelas, revelando a diversidade de percepções e os desafios para a construção de um entendimento mais amplo e contextualizado sobre o tema.

Palavra-chave: racismo anti-amarelo; asiático-brasileiros; TikTok.

Introdução

O racismo no Brasil é um fenômeno complexo, que se manifesta de maneiras múltiplas e profundamente enraizadas nas estruturas sociais, políticas e culturais. Embora o racismo contra pessoas negras e indígenas seja o foco principal das discussões sobre raça no país, o racismo anti-amarelo é uma forma de discriminação ainda pouco debatida, que afeta pessoas de ascendência leste-asiática (como chineses, coreanos, taiwaneses, japoneses).

Durante a pandemia de covid-19, o racismo anti-amarelo ficou mais evidente (Tokusato, 2022). Nesse contexto, as redes sociais digitais desempenharam um papel crucial na propagação de atitudes racistas contra pessoas de origem leste-asiática, frequentemente culpabilizadas pela origem do vírus. Essas plataformas digitais facilitaram tanto a rápida disseminação de informações quanto de desinformação, contribuindo para o aumento da hostilidade contra pessoas amarelas (Kohatsu et al., 2021). Contudo, as redes sociais digitais também se transformaram em espaços de denúncia, mobilização, conscientização e resistência contra o racismo anti-amarelo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: amandankc20@gmail.com.

Em resposta à discriminação enfrentada pelos amarelos brasileiros, diversos canais e espaços sociais digitais - como Youtube, Instagram e TikTok - emergiram para debater e confrontar esse tipo de racismo, despertando um movimento entre as comunidades asiático-brasileiras na luta antirracista (Inoue, 2017). Nesse contexto, a influenciadora amarela Bruna Tukamoto (@bruna.tukamoto), objeto desta pesquisa, se destaca por seu compromisso em criar conteúdos sobre racismo anti-amarelo desde o início da pandemia no TikTok.

Apesar de Tukamoto contar com apenas 176 mil seguidores no TikTok, seus vídeos frequentemente alcançam uma grande visibilidade, atingindo até sete milhões de visualizações. Ao observar esse alcance, como mulher amarela, senti uma certa satisfação ao ver que esse tipo de conteúdo finalmente está alcançando um público mais amplo. No entanto, também refleti que, embora o engajamento em seus vídeos seja elevado, isso nem sempre reflete uma verdadeira conscientização ou um debate realmente enriquecedor sobre o tema. Esse paradoxo entre visibilidade e profundidade crítica levanta o problema de pesquisa: como as reações racistas e antirracistas nos comentários dos vídeos de Bruna Tukamoto no TikTok evidenciam a complexidade do debate sobre racismo anti-amarelo no Brasil?

A partir disso, analiso os comentários do vídeo “Verdades sobre ser uma pessoa amarela no Brasil”, de Bruna Tukamoto no TikTok, a fim de mapear as principais questões que surgem em torno do racismo anti-amarelo, bem como identificar as falácias e incompreensões que circulam sobre o tema. Esse levantamento permite uma reflexão mais aprofundada sobre o fenômeno do racismo anti-amarelo no Brasil, ajudando a fundamentá-lo teoricamente e oferecendo perspectivas para a construção de um entendimento mais amplo e contextualizado sobre a discriminação racial direcionada às pessoas de ascendência asiática.

Discussão teórica

Diferentemente de outros contextos, como os Estados Unidos ou a África do Sul, o racismo brasileiro se constrói sob a ideologia da democracia racial, que alimenta a falsa ideia de uma convivência pacífica e harmônica entre diferentes grupos raciais. Como destacam Gonzalez (1984) e Schwarcz (2013), essa narrativa mascara as desigualdades estruturais, naturalizando a exclusão de pessoas não brancas e dificultando o reconhecimento social das violências raciais.

Grada Kilomba (2020) analisa o racismo como uma estrutura de poder que determina quem pode falar, quem pode ser ouvido e quem é considerado legítimo na esfera pública. Segundo Kilomba (2020), a branquitude ocupa o lugar da norma universal, enquanto os corpos não brancos são sistematicamente posicionados como "outros", sujeitos à constante racialização. Para a autora, a branquitude não é apenas uma cor de pele, mas uma posição social de privilégio e poder, construída historicamente para garantir a exclusão dos demais grupos.

Além disso, é importante considerar as formas como esse racismo se materializa no cotidiano. As experiências de pessoas amarelas no Brasil são atravessadas por microagressões, estereótipos e piadas, que configuram o que Moreira (2019) chama de racismo recreativo. Essas práticas, muitas vezes vistas como inofensivas ou como “brincadeiras”, reforçam a inferiorização e a exotização dos corpos amarelos.

Somado a isso, há a sensação recorrente de não pertencimento, vivida por muitos amarelos no Brasil. Mesmo após gerações de presença no país, essas pessoas continuam sendo percebidas como estrangeiras. É nesse ponto que o conceito de xenofobia racializada, discutido por Faustino e Oliveira (2021), se torna fundamental. Esse conceito reflete a intersecção entre o preconceito contra estrangeiros e as dinâmicas de raça e etnia (Faustino; Oliveira, 2021, p. 202).

No contexto brasileiro, a xenofobia não se manifesta de maneira uniforme. Como afirmam Faustino e Oliveira (2021, p. 200), "a relação oficial com o xeno, especialmente de origem europeia, foi mais de filia, do que de fobia". A chegada de imigrantes europeus foi incentivada pelas elites locais, principalmente quando a mão de obra no Brasil se tornou insuficiente. No entanto, as nacionalidades não europeias, em sua maioria vindas de continentes como a África e Ásia, foram recebidas de maneira mais discriminatória, refletindo um processo de exclusão baseado em raça e origem (Faustino; Oliveira, 2021, p. 200).

Porém, é preciso reconhecer a complexidade desse lugar social ocupado pelos amarelos na hierarquia racial brasileira. Como discute Kim (1999), a posição dos amarelos pode ser entendida a partir da lógica da triangulação racial. Segundo Kim (1999), o sistema racial nos Estados Unidos (e que pode ser adaptado ao contexto brasileiro com as devidas mediações) não opera apenas na lógica dicotômica branco versus negro, mas organiza os grupos raciais em um triângulo de poder: os brancos no topo, os negros na base e os amarelos ocupando uma posição intermediária. Essa

triangulação implica que os amarelos vivenciam uma posição de ambiguidade: ao mesmo tempo em que sofrem discriminação racial, também são percebidos como um grupo que possui certos privilégios em comparação a outros grupos racializados, especialmente negros e indígenas.

Essa ambiguidade torna o debate sobre o racismo anti-amarelo ainda mais difícil. Refletir sobre o racismo anti-amarelo no Brasil exige, portanto, uma abordagem teórica que dê conta dessas contradições. Não se trata de estabelecer uma equivalência entre as diferentes formas de racismo, como o vivido por negros, indígenas ou outros grupos racializados, mas de compreender como o racismo se manifesta em diferentes formas, afetando de maneira desigual distintos grupos racializados.

Metodologia

O vídeo "Verdades sobre ser uma pessoa amarela no Brasil"³, postado por Bruna Tukamoto em 14 de maio de 2024, aborda diretamente as experiências de discriminação vividas por pessoas leste-asiáticas no contexto brasileiro, oferecendo uma reflexão sobre as nuances do racismo anti-amarelo. Com 956 curtidas, 81 comentários, 66 salvamentos e 38 compartilhamentos, o vídeo gerou um significativo engajamento, refletindo o interesse e a relevância do tema.

A seleção dos comentários para análise foi feita com base em critérios que visam garantir a relevância e a profundidade da discussão sobre o racismo anti-amarelo. Dado o grande volume de interações em alguns vídeos, optou-se por uma amostragem qualitativa, priorizando comentários com maior engajamento, como aqueles que recebiam muitas curtidas ou respostas, já que esses comentários frequentemente geram discussões mais intensas e revelam posições mais polarizadas, conforme sugerido por Bardin (2016), para garantir a representatividade dos dados e a profundidade da análise.

A partir da netnografia de Kozinets (2010), podemos contextualizar as interações no TikTok, levando em conta as particularidades sociotécnicas da plataforma. Kozinets (2010) sugere que a netnografia deve observar não apenas as palavras trocadas, mas também os elementos do fórum e as características dos comunicadores. A partir disso, foi possível notar que, no TikTok, a possibilidade de os usuários responderem uns aos outros nos comentários gera discussões “isoladas” e dinâmicas de interação que se intensificam,

³ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMh7q9DYK/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

frequentemente a partir de críticas ou discordâncias, como veremos a seguir. Esse formato propicia a formação de diálogos polarizados, o que enriquece a análise das interações.

Além disso, considerando o alto engajamento do vídeo (956 curtidas, 81 comentários, 66 salvamentos e 38 compartilhamentos), podemos refletir como os algoritmos do TikTok desempenham um papel crucial ao priorizar conteúdos que geram atenção, mesmo que para críticas. Isso explica o alto engajamento do vídeo de Bruna, já que, embora muitos usuários discordem do conteúdo, eles interagem criticamente, aumentando a visibilidade do vídeo. Esse comportamento é interpretado pela plataforma como sinal de relevância, potencializando o alcance do conteúdo.

Nesse contexto, a análise dos comentários seguiu a metodologia proposta por Bardin (2016), que envolve três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na primeira etapa, foi realizada uma leitura flutuante dos comentários para identificar os temas recorrentes e estabelecer as categorias preliminares. A partir dessa leitura inicial, foram formuladas as categorias que refletiriam as diferentes abordagens sobre o racismo anti-amarelo. Na segunda etapa, os comentários selecionados foram codificados e agrupados nas categorias temáticas, conforme os padrões identificados durante a pré-análise.

Principais resultados

Com base na metodologia adotada, os comentários foram organizados em cinco categorias temáticas, que evidenciam as principais disputas de narrativas sobre o racismo anti-amarelo no TikTok, como veremos a seguir.

Categoria 1: apoio e identificação com o discurso de Bruna Tukamoto

- Comentário 1: “tem gente falando q n existe racismo contra pessoas amarelas”

Resposta:

- "sempre existiu e tenho raiva disso! na minha adolescência eu tinha que ficar defendendo meu namorado da época, era nissei!"

- Comentário 2: “ícone consciente”

- Comentário 3: “Já passei por tudo isso”

- Comentário 4: “Vc fala tão bem! Parabéns por nos representar tão maravilhosamente e com argumentos baseados em fatos”

Esses comentários expressam um apoio significativo ao discurso de Bruna Tukamoto sobre o racismo contra pessoas amarelas. Eles indicam uma identificação com a luta e as experiências relatadas, seja por meio de lembranças pessoais de vivência no contexto da discriminação, seja pelo reconhecimento da importância da conscientização e defesa dessa temática. Os comentários elogiam a clareza e a assertividade de Bruna, sugerindo que muitos seguidores sentem que suas próprias vivências estão sendo representadas.

Categoria 2: branquitude e comparações com outras opressões

- Comentário 5: “Não nego a existência de racismo contra pessoas amarelas, mas na era Vargas se reprimiu todas as línguas de imigrantes. Meu bisavô, por exemplo, foi proibido de falar Alemão.”

- Comentário 6: “italianos foram enganados na imigração e viraram escravos aqui no Brasil mas nmg fala nada sobre ...”

Respostas ao Comentário 6:

- “???”
- “Vc pode falar se quiser. A dor de um não invalida a outra.”
- “os italianos ficaram 400 anos na Escravidão no Brasil, foram chicoteados, ou tiveram a cultura destruída?”

- “portanto, ninguém fala dos italianos especificamente porque talvez o fato de serem italianos não foi o 'motivo' pelo qual eles foram escravizados... mas sim, pessoas são diminuídas a ponto de serem de seres humanos 'inferiores', então sim, isso sim é racismo!”

- “Eu sou tenho descendência italo-japonesa e os dois povos foram enganados mas na minha visão os japoneses sofreram mais. Pode pesquisar documentos q dizem q o povo amarelo só serve para trabalhar e ser submisso. Ou seja, além da xenofobia, tinha racismo”

- “muitas pessoas são escravizadas, mas quando se fala de racismo, é especificamente para um recorte de raça. Eles foram escravizados por serem italianos? (ps: sou descendente de italianos)”

A discussão nos comentários apresentados revela uma disputa de narrativas que envolve a comparação entre diferentes formas de opressão vividas por imigrantes de origem europeia (como os italianos) e asiática (como os japoneses). Um dos pontos centrais que emerge desse debate é a tentativa de justificar que o sofrimento dos italianos,

como imigrantes, poderia ser comparado à experiência de discriminação vivida pelos japoneses, sugerindo uma equidade no sofrimento. No entanto, essa análise ignora um elemento crucial: a questão racial.

Os imigrantes europeus, como os italianos, foram historicamente recebidos de forma mais favorável no Brasil, especialmente durante a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Já os imigrantes asiáticos, como os japoneses, enfrentaram uma recepção mais discriminatória, marcada pela xenofobia racializada, discutida por Faustino e Oliveira (2021). De acordo com os autores (2021), a xenofobia no Brasil vai além do simples preconceito contra estrangeiros, envolvendo uma discriminação racial mais profunda. No caso dos imigrantes asiáticos, a xenofobia racializada está ligada à percepção de seus corpos e culturas como “diferentes”, dificultando sua integração social. Já os italianos, sendo brancos, não estavam sujeitos à mesma forma de opressão racial, apesar de também serem imigrantes.

Categoria 3: negação do racismo anti-amarelo e comparação com racismo reverso

- Comentário 7: “racismo contra amarelos é igual ao racismo reverso, não existe.”

Respostas ao Comentário 7:

- "Quem não sofre racismo é a etnia BRANCA, todas as outras por serem 'inferiores' sofrem racismo sim"

- "Sabe o que é xenofobia? É o que a gente sofre e tem que aguentar por sermos pessoas amarelas. Sabe o que é ser culpado por supostamente 'trazer' a COVID-19, ser ameaçado de morte e ser perseguido??"

- "Claro q existe preconceito, xenofobia contra amarelos no Brasil"

A discussão nos comentários sobre a negação do racismo anti-amarelo e a comparação com o "racismo reverso" evidencia uma disputa de narrativas. Por um lado, há quem argumente que não existe racismo contra pessoas amarelas, comparando-o com a ideia de "racismo reverso", que é uma falácia que nega o caráter estrutural e sistêmico do racismo. Por outro lado, respondem a essa negação, afirmando que, enquanto todos os grupos não brancos sofrem discriminação no Brasil, os brancos são os únicos que não enfrentam racismo, o que reforça a visão do racismo como um sistema que privilegia a branquitude. Além disso, há uma disputa sobre a terminologia, em que alguns

comentários que refutam a ideia de que não existe racismo contra amarelos, mas ao invés de falarem o termo "racismo", falam "xenofobia" e "preconceito".

De acordo com Manghirmalani (2024), embora o racismo contra os asiáticos no Brasil seja muitas vezes entendido como racismo étnico, é importante ampliar o debate utilizando termos como "preconceito étnico-racial" e "xenofobia". Essa preferência por termos como "xenofobia" pode ser mais aceitável no contexto brasileiro, que ainda não possui uma compreensão plena de como o racismo afeta diferentes grupos de forma específica. Em certa medida, a xenofobia pode ser vista como um problema menos enraizado nas estruturas sociais, e, por isso, mais fácil de se identificar e combater. Contudo, também é importante entender que, ao usar "xenofobia" em vez de "racismo", se corre o risco de minimizar a gravidade do racismo anti-amarelo, não reconhecendo sua natureza mais profunda e sistêmica, que vai além de uma simples aversão ao "estrangeiro" ou ao "diferente".

Categoria 4: banalização do racismo e comparação com o racismo contra pessoas negras

- Comentário 8: “Racismo amarelo pqp. É banalizar muito o RACISMO mesmo.”

Respostas ao Comentário 8:

- "Eu tb concordo! Sou casada com um ip tenho dois filhos japoneses e nunca ouvi tanta bobagem junta"
- "As pessoas banalizam tanto o racismo que chega a dar medo! Pessoas MORREM pelo simples fato de ser PRETA. Pelo amor de Deus!"

Essa comparação entre o racismo anti-amarelo e o racismo anti-negro é muito comum em debates. É importante destacar, como sugere a pesquisadora Juily Manghirmalani (2024, p. 64-67), que no Brasil, a capacidade de nomear o racismo é resultado das lutas e conquistas dos povos negros e indígenas, e é fundamental respeitar e compreender essa luta. Nesse sentido, deve haver uma responsabilidade ético-política ao debater esse tema, uma vez que o termo carrega um peso político e cultural significativo na luta dos negros e indígenas.

A questão central aqui é justamente a incomparabilidade dessas dores: não se trata de uma disputa sobre qual dor é maior. Cada forma de opressão precisa ser entendida dentro de sua própria dinâmica, e não como uma competição entre as vítimas. O

verdadeiro foco deve ser na estrutura racista que atinge, de maneiras distintas, todas as pessoas não brancas. O racismo não opera de forma uniforme; ele se manifesta de diferentes maneiras em cada grupo, mas sua origem e a base de seu funcionamento são as mesmas. E é isso que precisa ser combatido: a estrutura que perpetua essas desigualdades, não as comparações entre os diferentes tipos de sofrimento.

Categoria 5: discussão sobre a profundidade do debate racial

- Comentário 9: “Quaisquer etnias que não sejam de origem européia/caucasiana vão lidar com o racismo, porém a maioria das pessoas não estão prontas para lidar com a real profundidade dos debates raciais”

Este comentário destaca que as pessoas de etnias não europeias enfrentam o racismo, mas também chama a atenção para o fato de que a maioria ainda não está preparada para lidar com a verdadeira profundidade do debate racial. A partir dessa reflexão, podemos recorrer à Grada Kilomba (2020), que defende que a branquitude não é uma característica natural ou essencial, mas uma construção histórica e social resultante do processo de diferenciação racial, no qual os indivíduos não brancos são continuamente definidos como diferentes ou inferiores em relação aos brancos (Kilomba, 2020). Além disso, o comentário menciona a resistência em confrontar as complexidades das relações raciais no Brasil e a dificuldade em compreender as dinâmicas estruturais que perpetuam o racismo.

Considerações finais

A partir dessa análise, é possível identificar algumas disputas de narrativas presentes no imaginário dos brasileiros em relação ao racismo anti-amarelo. Esses debates refletem a dificuldade em tratar um tema tão complexo e sensível, especialmente quando é condensado em formatos curtos, como os vídeos nas redes sociais. A simplificação do debate, em busca de uma comunicação rápida e acessível, muitas vezes não consegue capturar a profundidade das questões envolvidas, resultando em um entendimento limitado e fragmentado do racismo.

Além disso, o uso do termo "racismo anti-amarelo" carrega um peso significativo, pois é frequentemente colocado em uma dinâmica de comparação com outras formas de opressão, especialmente com o racismo sofrido pelas pessoas negras. Isso cria uma sensação de deslocamento, como se o sofrimento das pessoas amarelas estivesse sendo

comparado ou minimizado em relação à dor histórica e sistêmica do racismo negro. Essa comparação entre dores distintas, em vez de contribuir para um debate mais inclusivo, acaba dificultando a legitimação das experiências vividas por aqueles que enfrentam o racismo anti-amarelo, tornando o debate ainda mais polarizado e confuso. O que fica claro é que, ao discutir o racismo nas redes sociais, não só a complexidade do tema é desafiada, mas também a resistência em reconhecer as múltiplas formas de opressão, que operam de maneira distinta, mas sempre dentro de uma estrutura racista maior.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana*, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

INOUE, V. C. *A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira*. 2017. 50 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

KIM, Claire Jean. The racial triangulation of Asian Americans. *Politics & Society*, v. 27, n. 1, p. 105-138, 1999.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, PF de. Imigração, mídia e xenofobia: a ameaça imaginária em questão. *Teoria crítica, violência e resistência*, p. 125-146, 2021.

KOZINETTS, Robert V. *Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing*. Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação, 2010.

MANGHIRMALANI, Juily. *Vivências asiático-brasileiras: raça, identidade e gênero*. São Paulo: Editora Mandaçaia, 2023.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. Editora Companhia das Letras, 2013.

TOKUSATO, Leticia et al. Coronavírus: A nova variante do perigo amarelo. *ÎANDÉ: Ciências e Humanidades*, v. 6, n. 1, p. 46-58, 2022